

NARRATIVAS SOBRE A FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO: O DIA DA FESTA, AS HISTÓRIAS DOS ESPAÇOS E A PROCURA DE AFIRMAÇÃO PÚBLICA.

Maria Ruiz Ruiz¹

Resumo:

A intenção deste trabalho é a de pensar a festa de Nossa Senhora da Conceição celebrada o dia 8 de dezembro através de narrativas e histórias dos próprios moradores da comunidade do Porto do Capim. Com o análise da festa organizada pela comunidade, o objetivo será o de poder entender o evento festivo como um elemento que formaliza a construção de uma identidade comunitária mediante a repetição ritualizada cada ano. Para isso se fará um análise das narrativas dos moradores da comunidade em relação à descrição do dia da festa, em relação às histórias que impregnam os lugares festivos e por último, em relação à organização do evento. Além disso, veremos de que forma se gera a instrumentalização desse patrimônio imaterial ante um excesso de visibilidade do conflito da comunidade com os planos de “revitalização” da Prefeitura. Com isto poderemos refletir com o objetivo de examinar as interações entre os conceitos de identidade social, memória coletiva e organização social.

Palavras chave: patrimônio imaterial, festa, identidade e memória.

¹ Universidade Federal da Paraíba, (UFPB) Programa de Pós-Graduação em Antropologia; e-mail: ppga@ccae.ufpb.br.

Introdução: contextualização, visibilidade e a festa.

A comunidade do Porto do Capim se encontra no centro da cidade de João Pessoa, capital do estado brasileiro da Paraíba, está contornada pelo Rio Sanhauá e dentro do chamado Bairro do Varadouro. Porto do Capim é o ponto de surgimento da cidade, onde antigamente se concentrava o comércio e o centro político até as primeiras décadas do XX. Desde esta data a área entrou em decadência econômica, dessa forma começou a ser ocupada pelos moradores de pontos vizinhos e novos residentes sem recursos que chegavam à cidade.

Atualmente, nas conversas informais com alguns integrantes da comunidade, se afirma que esta comunidade Porto do Capim está formada por três ruas do bairro Varadouro. Estas ruas são aquelas que contornam o mangue e o rio Sanhauá até chegar à estação de trem. Se trata das ruas Porto do Capim, Frei Vital e Vila Nassau. Também através destas conversas informais e observações diretas podemos deduzir que muitos integrantes da comunidade Porto do Capim vivem do comércio informal na cidade e da pesca de mariscos e caranguejo no mangue. Esem disso, estes moradores habitam casas humildes nas quais o saneamento básico nunca chegou.

Faz 24 anos que existe um projeto de “revitalização” dessa área por parte da Prefeitura de João Pessoa. O projeto contempla a construção de uma arena de eventos com o objetivo de chamar a atividade cultural da cidade que atualmente está centrada na orla da cidade e no Ponto Cem Reis do centro. Esse projeto supõe a remoção da comunidade, também se não todos os membros da comunidade estão dispostos a sair do local.

Desde que a comunidade soube da “remoção” iniciou-se uma ampla organização política e cultural da comunidade. Esta movimentação aparece liderada pela Associação de Mulheres Porto do Capim além de por as contribuições de vários projetos universitários e organizações culturais do centro da cidade.

Todos esses fatores levaram a visibilidade do conflito e da comunidade. Também se fizeram mais visíveis os rasgos culturais que marcam as fronteiras da comunidade, fato que contribuiu para ganhar uma ênfase pública que ajudaria na resistência no local. Uma dessas expressões culturais é a festa de Nossa Senhora da Conceição e a procissão de barcas até a “Ilha da Santa”.

Assim, nesse análise, a festa de Nossa Senhora da Conceição vai ser entendida como patrimônio imaterial da comunidade, e por tanto como esse marcador especialmente simbólico que mostrar sentimentos de pertença e espaços de afirmação política. Ou seja, a festa será entendida como ponto onde interagem esses conflitos sociais, como lugar de encontro e desencontro de interesses, alegrias, celebrações, crenças, resistências e identidades. Como afirma Sant'Anna (2013), as festas tratam de quebrar com a percepção de um tempo homogêneo, ou seja, a irrupção da festa representa um momento excepcional.

... as celebrações coletivas são poderosos “marcadores” de espaços e instituidores de lugares e territórios aos quais memórias, sentimentos de identidade e de pertencimento estão associados. Seu potencial simbólico é, por tanto, incomensurável (Sant' Anna, 2013: 21).

Nesse sentido este artigo tem como objetivo fazer um análise das narrativas que os moradores da comunidade têm sobre a festa, e de que modo estas narrativas se relacionam com a memória comunal, as identidades e a organização social.

A produção de historias narrativa, contadas mais ou menos informalmente, revela-se como uma atividade básica para a caracterização das ações humanas, é um traço comum a toda memória comunal (Connerton, 1999:19)

Assim, ao longo do trabalho e através das historias narrativas informais veremos, em primeiro lugar, uma reconstrução do dia da festa através das falas de Dona Cida destacando os detalhes que segundo o olhar dela (e minha interpretação) são aos mais significativos, além do uso de fotografias da festa de 2014 e a cobertura que fizeram desde a Web Radio comunitária Porto do Capim. Em segundo lugar, usarei os depoimentos de Dona Cida, Dona Penha e outros moradores para falar sobre esses espaços em relação com historias e lembranças passadas; e por ultimo focarei nas narrativas de organização interna da festa e as relações com “as pessoas de fora”.

As narrativas do dia de Nossa Senhora da Conceição: a Igreja, a procissão e a ilha.

Dia 8 de dezembro aproximadamente de 7:00 a 8:00 horas a comunidade oferece uma café da manhã na Igreja São Frei Pedro Gonzalves na rua Padre Antonio Pereira, perto do famoso Hotel Globo. Este café da manhã é feito graças a doações da mesma comunidade e outras pessoas de comunidade vizinhas: “... é a gente organiza, mas é doado também... a maioria das coisas é tudo doado, muita gente nos ajuda.” (Dona Cida).

Desde a Igreja São Frei Pedro Gonçalves sai a imagem da santa em direção ao trapiche do Proto do Capim. Depois, desde esse trapiche sai a procissão marítima até a “Ilha da Santa”:

Sim, sai dessa igreja, tem ano que sai de 8:30, 9:00 horas, na hora da maré, depende mais da natureza, da maré, não é na hora que a gente quer ir não, é na hora que a maré da pra descer (Dona Cida).

Podemos observar a relação estreita e forte da comunidade com o espaço físico. É preciso que a maré desça para a procissão marítima se realizar. De fato, durante o resto do ano, também se percebe como parte da comunidade se sente afetada e condicionada pelas subidas e descidas da maré, pois qualquer mudança no rio e no mangue afeta a cotidianidade dos pescadores e aquelas casas que estão construídas na vera do rio.

Dessa forma, “na hora da maré” a imagem da Santa sai da Igreja Frei Pedro Gonçalves. Nos pés da imagem da virgem tem enfeites feitos com folhas verdes e diversas flores brancas e amarelas. A virgem ta olhando para cima com os braços cruzados no peito e leva um cabelo grande e de cor marrom que chega até a cintura. As roupas dela estão compostas por um pano azul que cai sobre os ombros deixando ver o vestido branco que tem embaixo. Como já se falou, ela vai ser transportada até a “Ilha da Santa” encima de um tablado de madeira que os homens carregam.

Depois do café da manha a procissão sai da Igreja e durante o trajeto Dona Cida conta como são soltos fogos de artifício, como os homens são os que levam a virgem e as pessoas que seguem a procissão:

... os fogos também que é soltado também... que celebra também a passagem de nossa senhora da conceição, e outras coisas

também ne? que acontecem lá na ilha.... Os moradores se reúnem pra carregar um andor, que é os homens...ai é a parte dos homens. Tem os anjinhos também, sempre a gente coloca os anjinhos, as crianças que é da comunidade também, que faz parte. E todas as famílias da comunidade participam... (Dona Cida).

A imagem da santa é carregada pelos homens da comunidade e seguida pelas crianças vestidas de anjinhos, além de outros visitantes e moradores. A procissão então desce pela ladeira da rua Padre Antonio Pereira; atravessa a vias do trem e passa pela rua Porto do Capim, rua que dá o nome a comunidade.

Durante este trajeto, podemos ver as casas humildes dos moradores. No decorrer da procissão, vão fazendo as chamadas “paradas” ao mesmo tempo que se reza: “A gente reza: Pai Nosso, Ave Maria... e tem as “paradas” também... ai para a procissão na frente da comunidade” (Dona Cida).

A continuação, a procissão entra na Rua Frei Vital até chegar no trapiche do Mangue. O trapiche aparece pintado de azul e branco, também é decorado com bandeiras e balões brancos e azuis, cores que lembram as roupas da imagem da Santa. As barcas também foram recentemente concertadas e pintadas, geralmente com as cores amarelo azul e vermelho. Uma dessas barcas espera a imagem da virgem chegar e quando ela está no trapiche alguns homens sobem na barca com a virgem. A barca sai do trapiche, e atrás dela saem outras barcas carregadas de moradores, visitantes e pescadores formando a procissão marítima. Todos vão à direção da “Ilha da Santa”.

Na ilha tem uma capelinha e uma cruz grande (cruzeiro). Dentro da capelinha toda pintada de azul, tem um altar com varias imagens de diversos tamanhos da Virgem de Nossa Senhora da Conceição. Ao chegar na ilha, é celebrada uma grande missa, que acolhe todos os pescadores e marisqueiros; e ao mesmo tempo os visitantes colocam velas na capelinha. E seguidamente, depois da missa, o pai abençoa os pescadores.

... ai tem o ministro de eucaristia, tem o padre.. e tudo.O padre é o padre Alexandre, quando ele não vai, vai outro...Tem um catamará pra levar o povo... leva 40 a 50 pessoas, ele vai pegar o povo ali e deixa aqui e vai embora, ele é de Cabedelo...(...) ... e celebrada uma grande missa e ai depois da missa vem a abença que o pai lhe da, que

é abença da água também, a todos eles. É muito bonito, também... ai tem as promessas, muita gente que vem de fora vai pagar as promessas, depois muitos ficam lá na croa comemorando, e a gente volta pra nossas casas..” (Dona Cida).

Veremos como a “festa na croa”, de alguma forma, é considerada como a parte “pagã” da festa, como a parte mais profana já desvinculada das mulheres católicas religiosas mais ligadas com a parte “religiosa”. Também vemos como o elemento da água esta presente na abença do pai, elemento que lembra o sincretismo com o orixá Iemanjá venerado pelas religiões afro-brasileiras.

A croa um lugar onde eles tomam banho, a gente vai não, sabe? ... é eles lá que gostam e vão beber... é o dia da festa deles mia filha! Eles vão fazer a festa lá na ilha.. (Dona Cida)

Como afirma Sant’anna (2013), a festa marca uma ruptura no tempo “ordinário” instaurando um tempo renovado que atualiza um acontecimento mítico. A festa é um espaço, no qual o sagrado desse mito acontece de novo. Então, a festa se apresenta como um momento que sacraliza o espaço e o tempo em que acontece.

De fato vemos como A Igreja, a rua Porto do Capim, o trapiche, a ilha e a croa, aparecem nas narrativas como espaços e elementos significativos e sacralizados durante a festa. Estes lugares são falados, concertados, pintados e decorados. Em definitiva, estes lugares são preparados para ser mostrados, para de esse modo contribuir a um processo de afirmação de símbolos identitários.

Os espaços da festa e o tempo: sincretismo e lembranças do passado.

Durante uma das minhas visitas na casa de Dona Penha, me explicou porque ela mesma é conhecida na comunidade como a fundadora da festa:

Quando eu perguntei pela festa de Nossa Senhora ela falou que foi ela quem iniciou a festa há 20 anos. Um dia, ela achou um altar na ilha da santa, um altar bem pequeno, e como fez promessa ela prometeu que o dia de Iemanjá ela sempre ia visitar o altar levando uma santa maior. Então no ano seguinte quando ela foi, varias barcas começaram ir também e a santa virou um símbolo, e com o passo do

tempo a santa foi levada pra Igreja pois antes a santa saia do centro comunitário da comunidade.. (Diário de campo, dia 5 de Março de 2015)

Nesta historia de “origem” da festa podemos observar a questão já colocada por Eric Hobsbawm (1984) da “invenção das tradições”. Este conceito de invenção das tradições inclui as tradições já institucionalizadas como àquelas que surgem repentinamente e da mesma forma se estabelecem. Segundo este autor, este conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica teria por objetivo incorporar determinados valores e comportamentos definidos por meio da repetição em um processo de “continuidade em relação ao passado”.

De fato, vemos de que forma a festa sempre nos traz lembranças do passado. Estas lembranças vão gerar diferentes discursos enquanto ao sentido que a festa tem no momento atual. Assim pouco a pouco, se vai dando visibilidade aos múltiplos valores, interesse e discursos que atravessam as festas (ABREU, 2007).

Assim enquanto a relação da festa com o Orixá Iemanjá (deusa dos mares) nós encontramos vários depoimentos que confirmam a relação. Vários pescadores afirmam que tem relação com Iemanjá já que a festa é realizada o mesmo dia e o mar vem sendo um elemento destacado, assim como as cores usadas na festa: azul e branco. Estas são as mesmas cores usadas na festa a Iemanjá que se celebra na praia de Tambaú no mesmo dia, 8 de Dezembro. Porém, também encontramos alguns depoimentos que negam essa relação da virgem Nossa Senhora da Conceição com Iemanjá.

A relação dos pescadores com a Ilha parece forte, e não só dos pescadores da comunidade Porto do Capim, também de outras comunidades vizinhas, pois segundo os depoimentos de Dona Penha foram eles que criaram a capela atual que está na ilha:

era uma capelinha bem pequenininha ai... a maré foi e derrubo...a maré foi crescendo e derrubo a campelinha, ai..tenha um povo da Ilha do Vispo (pescadores) ai fez uma capela maior ai cheguei e levantei o cruzeiro. Agora tem o cruzeiro e a capelinha (Dona Penha)

Também, outros moradores (os quais não queriam que os nomes fossem declarados) nos contam outras historias em relação a ilha, a qual muitas vezes aparece como um lugar misterioso, perigoso e mágico: “..tem uma mulher que nasceu lá em

frente da ilha da santa..todo anho ela vai pagar promessa....ela vem ajudar também...” Além disso, “Tem um homem que vive lá pescando sim, pescando, mas que mora gente lá mesmo não sei não. E cuidado que em aquela ilha mataram já uma pessoa, você ficou sabendo foi? vai sozinha não...”

Em definitiva, podemos ver como aparecem diferentes historias no referente aos lugares destacados durante a festa e a procissão. Trata-se de historias que estão presentes também durante o resto do ano, historias de lembranças que levam afirmar a identidade dos lugares e de como esses espaços são usados e lembrados, ou seja, de que forma essas espaços são vividos na cotidianidade.

A organização da festa: divisão de tarefas, afirmação política e “as pessoas de fora”.

Alguns meses antes do dia 8 de dezembro, durante o mês de Outubro, a comunidade Porto do Capim começa a se mobilizar para os preparativos da festa de Nossa Senhora da Conceição.

Passeando pelas ruas da comunidade, ao entrar na rua Frei Vital, caminhando na direção do rio Sanhauá, chegamos ao mangue. A primeira visão da paisagem do mangue está dominada por um elemento que é considerado fundamental segundo as diversas narrativas: o trapiche.

Este trapiche é reformado, concertado, pintado e decorado com vários enfeites uma vez por ano. Sempre durante os preparativos da festa de Nossa Senhora da Conceição. O resto do ano o trapiche é usado para pesca de marisco e caranguejo, para as brincadeiras das crianças e para os visitantes de outras partes da cidade fazer fotografias e passear.

Nesse caminho até o trapiche, pelo qual a imagem da santa vai ser levada até a ilha, encontramos a casa da família de Cida. Os preparativos da festa, atualmente, estão liderados por Cida o marido dela e o pai dela Seu Cosmo, ambos pescadores da comunidade. O primeiro dia que perguntei a ela pela organização...

Ela começou falando que não é só ela que organiza. Têm mais pessoas, os pescadores, Rosana (presidenta da associação de mulheres que se encarrega da decoração) o aluguel de barcas... ela começou a falar sobre o trapiche e eu pedi pra ela de me mostrar...(Diario de Campo; 24 de Marzo de 2015)

Faz dois anos que Dona penha entregou esta responsabilidade de organização da festa para Cida. Antes Cida só se encarregava da “parte religiosa”:

Assim, quem organiza vai atrás das coisas todinho... e tem a outra parte que é a parte religiosa, tem a leitura, é tudo... ta entendendo? Tem a parte da missa e tem a parte dos cantos, quem é a pessoa que vai cantar, tem a parte que é litúrgica que é a preparação da primeira leitura a segunda leitura, o salmo... (Dona Cida)

E Dona Penha se encarregava da mobilização geral. Dona Penha também é moradora do Porto do Capim faz mais de 50 anos. Ambas pertencem á associação de mulheres Porto do Capim. Também Rosana, a presidenta da associação de mulheres participa na parte da decoração e da difusão da festa. Podemos ver então como a organização da festa está basicamente liderada por as mulheres da comunidade em estreita relação com a Associação de Mulheres Porto do Capim e também com a Igreja Católica. Por tanto, trata-se de lideranças femininas politizadas e religiosas. No momento que pergunto pelos pescadores e homens em geral em relação com a organização da festa:

É... ajudam né? nem todos, mas tem alguns que ajudam. Primeiro é a parte das pessoas de aqui ajudam, e da arrumação, tem as bandeiras, ai vem o que? Vem a organização do “trapicho” para acontecer a procissão. Alias são dois ou três que fazem o “trapicho”, meu pai mais algum e meu marido (Dona Cida).

Podemos observar como existe uma forte divisão de tarefas masculinas e femininas na ora de organizar a festa, e como vimos também da curtição da festa, já que o lugar da croa parece mais reservado para os pescadores. Enquanto a organização os homens e pescadores se encarregam de “ajudar” a decorar o trapiche, ou seja, decoração de barcas, concertar o trapiche, pintar e colocar as bandeiras. Por outro lado, as mulheres se encarregam da organização geral, a missa, o cantos, os alimentos as roupas das crianças.

Também é importante refleti sobre a relação da comunidade com o exterior, ou seja, aqueles que são considerados como “os outros”, as chamadas “pessoas de fora”. Como temos observado mais acima tem pessoas que ajudam, tem doações de outros bairros vizinhos, porém existe um certo receio e suspeita de determinadas “pessoas de

fora”, as quais aparecem com pretensões de se apropriar da festa. No diário de campo dia 24 de Março:

Ela falou que tem outras festas católicas, mas essa festa (Nossa Senhora da Conceição) é mesmo da comunidade e mostrou sua indignação ante uma reportagem que falava que eram as “*peças de fora*” quem organizavam (Diário de Campo 24 de março de 2015).

E vários dias antes, Dona Penha e Seu Geraldo falaram:

... Isso era quando ela era católica, mas faz dois anos que ela é evangélica e já não participa da festa porque agora tem *peças de fora* que “ganham dinheiro sem consultar ela (Diário de Campo, 5 de Março de 2015).

... Agora a festa de Nossa Senhora esta se corrompendo pelas *peças de fora* que querem cobrar por levar o pessoal nas barcas, que agora ele não participa mais porque existem interesses econômicos de alguns na festa, que faz dois anos que ele não quer participar mais... (Diário de Campo, 5 de Março de 2015).

Como foi colocado na introdução, devido a que o campo tem muita visibilidade, aparecem todo tipo de discursos sobre a pertença da festa e as relações da comunidade com o exterior. De acordo com Sant’Anna (2013) como consequência dos processos globais capitalistas e da ciência moderna, algumas festas perdem essa conexão com o sagrado, e ficam atravessadas por múltiplos interesses políticos, comerciais e turísticos (SANT’ANNA, 2013).

Nesse sentido podemos observar como a festa esta atravessada por vários interesses. Por uma parte, os interesses turísticos e econômicos de aqueles que ganham dinheiro levando visitantes na procissão marítima.

E por outro lado, os interesses políticos de alguns moradores no referente á afirmação política territorial. Podemos observar este objetivo de afirmação política na fala de Rosana no dia da festa de Nossa Senhora da Conceição em 2014 na radio comunitária Porto do Capim:

.. todos os atos culturais, todas as atividades tradicionais da comunidade se fortaleçam ainda mais com o principal objetivo da

permanência mesmo... e a ferramenta da web radio está sendo fundamental para esse processo para essa luta” (...) Eu acredito que a procissão de Nossa Senhora da Conceição é todo o juntar dessas atividades que acontecem no decorrer do ano, porque os moradores se juntam no carnaval, no São João, no Raízes do Porto, nas atividades de festa das crianças, em fim... então a procissão de Nossa Senhora da Conceição une todo esse povo aí para celebrar mesmo! e por fim tem o tradicional natal da comunidade, é o natal bem particular... a comunidade toda se junta, e sempre tem a colaboração de todos para a realização de esses eventos.. (Rosana na Radio Porto do Capim, 8 de Dezembro de 2014).

Como afirma Scott (1990). Na medida em que a cultura popular pertence a uma classe ou a um estrato cuja situação na sociedade produz experiências e valores diferentes, essas características apareceram em seus ritos, bailes, representações, indumentária, narrações e crenças religiosas.

Os praticantes dessa cultura escolhem as canções, contos, danças, textos e ritos que querem destacar; os usam para seus próprios fins, e certamente, criam novas práticas e materiais culturais segundo as próprias necessidades (Scott, 1990: 189) (tradução minha).

Por tanto, as escolhas de expressões culturais não são arbitrárias, tem um sentido e objetivo políticos. Com estes exemplos podemos observar de que forma as classes populares e próprias expressões culturais locais estão intimamente ligadas com os jogos de poder a escalas maiores, já sejam regionais ou globais.

Conclusões

Com foi colocado mais acima, a intenção era a de: através das narrativas mais ou menos informais dos moradores, criar as bases para uma reflexão acerca da memória, identidade e organização social da comunidade. No referente à organização social podemos estabelecer conclusões tanto desde uma perspectiva interna como de interação com o exterior.

Em primeiro lugar, pelo fato da saída da procissão depender da maré podemos observar a relação estreita e forte da comunidade com o espaço físico-natural. É preciso que a maré desça para a procissão marítima se realizar. Trata-se de um condicionante que percebemos também durante o resto do ano, já que qualquer mudança no rio e no mangue afeta a cotidianidade dos pescadores e aquelas casas que estão construídas na vera do rio.

Em segundo lugar temos visto como determinados elementos espaciais são enfatizados durante a festa e a procissão. Estes elementos são: a Igreja, a Rua Porto do Capim, o trapiche, a ilha e a croa. Estes espaços aparecem nas narrativas como espaços e elementos significativos e sacralizados durante a festa. Mas também, devemos lembrar como se trata de elementos espaciais cheios de sentidos e histórias durante o dia a dia dos moradores da comunidade.

Em terceiro lugar, no referente à organização interna observamos como existe uma forte divisão entre tarefas masculinas e femininas. Os homens “ajudam” na organização, e sobre tudo se encarregam de concertar e decorar o trapiche; enquanto que as mulheres cuidam da organização geral, se centrando na missa, os cantos, os alimentos, e as roupas das crianças.

Também podemos ver como os pescadores tem forte relação com a curtição na croa e a crença em Iemanjá. Se compararmos com a atitude de muitas mulheres que parecem mais fixadas na organização da parte sagrada de festa, esta relação dos pescadores com a ilha e a crença no Orixá Iemanjá pode indicar uma maior relação dos pescadores com os aspectos mais profanos e pagãos da festa de Nossa Senhora da Conceição.

E por último, e tendo em consideração que este campo tem uma grande visibilidade graças aos diferentes projetos urbanísticos que existem no local, temos percebido como as relações com o exterior da comunidade são de ajuda e colaboração na organização da festa, porém também notamos depoimentos que indicam certo receio ante a ideia de que as “pessoas de fora” se apropriem da festa.

Desta forma, observamos como as mulheres mais politizadas da comunidade criam ferramentas de proteção para que as formações de imagens patrimoniais dentro da comunidade sejam realizadas pelos próprios moradores. Uma dessas ferramentas é a difusão da festa através da WebRadio, a qual permite observar como a festa está

atravessada pela necessidade e pelo objetivo de afirmação político, identitária e cultural da comunidade.

Bibliografia

- Anotações do Diário de Campo: dias 13 de Junho, 5 e 24 de Março de 2015
- Cobertura da festa na WebRadio Comunitário Porto do Capim no dia 8 de dezembro de 2014.: <http://radioportodocapim.com.br/programa/porto-do-capim-em-acao/>
- ABREU, Regina. “Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva.” In: ____: *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios*. Blumenau: Nova Letra, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. Série estudos. Trad. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CANCLINI, Néstor Garcia. “A encenação do popular”. *Culturas híbridas*, São Paulo:Edusp, 1997.
- CHOAY, Françoise. *O Patrimônio como questão: antologia para um combate*. Fino Traço: Belo Horizonte, 2011.
- CONNERTON, P. *Como as Sociedades Recordam*, Celta Editora: Oeiras, 1999.
- DA COSTA, F. *Sociedade de Bairro: Dinâmicas da Identidade Cultural*, Oeiras: Celta Editora, 1999.
- FONSECA, M. Cécilia Londres. *O Patrimônio em processo*. Rio de Janeiro: Edufrj/Minc/IPHAN, 1997.
- HOBBSAWM E. & RANGER T. (orgs.). *A invenção das tradições*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LEITE, Rogério Pronença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Editora da Unicamp, Aracaju: Editora da UFS, 2004.

- MIGUEL, Paulo. “Festas populares brasileiras”. Entrevista/conversa com Maria Laura Viveiro de Castro Cavalcanti. In: Observatório Itau Cultural 14. São Paulo: Itau Cultural, 2013.
- SANT’ANNA, Márcia. “A face imaterial do patrimônio Cultural: novos instrumentos de reconhecimento e valorização”. In: *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2ª Edição. 2009.
- _____ . “A festa como patrimônio cultural: problemas e dilemas da salvaguarda” In: *Observatório Itau Cultural 14*. São Paulo: Itau Cultural, 2013.
- SCOTT, J. C. 1990 “La voz dominada: las artes del disfraz político”. In: *Los dominados y el arte de la resistencia*. Mexico DF: Era S.A.